

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA**

**IMPLICAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM ESCOLA  
PRIVADA NO RIO DE JANEIRO**

**ANDRESSA PERINI RIBEIRO**

**RIO DE JANEIRO**

**NOVEMBRO**

**2013**

**IMPLICAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM ESCOLA  
PRIVADA NO RIO DE JANEIRO**

ANDRESSA PERINI RIBEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

---

Marcio da Costa Berbat (Orientador)  
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro  
Novembro  
2013

**IMPLICAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:  
UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM ESCOLA  
PRIVADA NO RIO DE JANEIRO**

ANDRESSA PERINI RIBEIRO

Avaliada por:

---

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Marcela Afonso Fernandez

Escola de Educação – Departamento de Didática  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos colegas de profissão, que fazem da educação infantil um espaço de descoberta para as crianças pequenas.

Aos educadores que vivenciam diariamente essa profissão tão bonita e gratificante fazendo a diferença em sua rotina.

## AGRADECIMENTOS

A Deus que me concebeu a vida, deu condições de ingressar em uma Universidade Pública Federal e me formar como Pedagoga, um sonho que se tornou realidade.

Aos queridos professores que contribuíram para o meu crescimento acadêmico durante a minha caminhada.

Agradeço de todo coração ao professor Márcio da Costa Berbat, que me ajudou na construção desse trabalho, tendo sempre uma palavra e gesto carinhoso.

À minha família pelo incentivo e apoio nos meus estudos que acreditam na minha profissão e me dão força para lutar a cada dia para conquistar o que almejo.

Aos meus tios e minha prima que me ajudaram no momento que mais precisei para poder continuar na minha trajetória profissional.

Agradeço com todo amor as minhas crianças que fazem da minha manhã mais feliz, me ensinando todos os dias que estou na profissão certa.

Aos meus amigos de verdade que estão sempre comigo.

À professora Marcela Afonso Fernandez que se disponibilizou a fazer a leitura e avaliação do meu trabalho de conclusão de curso.

ANDRESSA PERINI RIBEIRO. **IMPLICAÇÕES DO LIVRO DIDÁTICO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DOCENTE EM ESCOLA PRIVADA DO RIO DE JANEIRO.** Brasil, 2013, 33 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

## **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo pensar o uso do livro didático na educação infantil, trazendo como experiência a própria relação de docência iniciada ainda no âmbito da formação de professores da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Para tal, esse trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro discorre sobre a história e trajetória do livro didático no Brasil, com destaque para o programa nacional do livro didático (PNLD). No segundo capítulo, buscamos dialogar com o mundo das editoras, mapeando esse quantitativo e quantas já vem oferecendo as coleções de livros didáticos para as crianças pequenas. No terceiro capítulo, apresento rapidamente a minha trajetória de formação educacional, integrando com o objeto de investigação na sua empiria, ou seja, interpretando algumas práticas na escola em venho trabalhando como professora auxiliar. Nas considerações finais, penso e questiono a importância do debate sobre o avanço do livro didático na educação infantil, propondo não fugir da brincadeira como possibilidade maior para o desenvolvimento pleno das nossas crianças.

**Palavras chaves:** Livro Didático; Educação Infantil; Crianças.

## INDICE DE SIGLAS

- CNLD** - Comissão Nacional do Livro Didático
- COLTED** - Comissão do Livro didático e o Livro Técnico
- DCNEI** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
- FAE** - Fundação de Assistência ao Estudante
- FAPERJ** - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
- FENAME** - Fundação Nacional do Material Escolar
- FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
- FTD** - Frère Théophane Durand
- IBEP** - Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas
- INEP** - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
- INL** - Instituto Nacional do Livro
- LD** - Livro Didático
- LDBEN** - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC** - Ministério da Educação
- PLIDEF** - Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental
- PMBCS** - Província Marista do Brasil Centro-Sul
- PNLA** - Programa Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos
- PNLD** - Programa Nacional do Livro Didático
- PNLEM** - Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio
- SIPEI** - Semana de Informação Profissional da Educação Infantil
- UNESCO** - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- UNIRIO** - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
- USAID** - Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional

## Sumário

<b>Resumo</b>	<b>06</b>
<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Capítulo 1: História e Políticas</b>	
<b>1.1: A Educação Infantil no Brasil: O Contexto Atual</b>	<b>11</b>
<b>1.2: O Livro Didático no Contexto Educacional</b>	<b>14</b>
<b>1.3: Livro Didático: Trajetória na Educação Brasileira</b>	<b>15</b>
<b>1.4: O PNLD e o Reflexo na Escola Privada</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo 2: Livro Didático e as Editoras</b>	
<b>2.1: Mercado Editorial Brasileiro: A influência dos Livros Didáticos</b>	<b>20</b>
<b>2.2: As Editoras que atuam no Brasil</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo 3: A Experiência com o Livro Didático no Rio de Janeiro</b>	
<b>3.1: A Trajetória de uma Estudante de Pedagogia e a Relação com a Pesquisa</b>	<b>23</b>
<b>3.2: A Escola e o Contexto Social</b>	<b>24</b>
<b>3.3: Relatos sobre o trabalho com o Livro Didático na Educação Infantil</b>	<b>26</b>
<b>Considerações Finais</b>	<b>29</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>31</b>

## Introdução

Com o objetivo de investigação sobre a utilização do livro didático na educação infantil, a pesquisa monográfica procurou compreender nesta primeira etapa de escolarização a prática pedagógica em uma escola particular de educação infantil na Zona Oeste do Rio de Janeiro, buscando identificar a possível contribuição ou não do livro didático nesta etapa, quanto ao desenvolvimento das crianças pequenas.

Durante a minha trajetória como aluna de licenciatura em pedagogia na UNIRIO, sempre cercada de muitas inquietações quanto ao uso do livro didático nessa primeira etapa de escolarização, tendo agora oportunidade de vivenciar em sala de aula (como professora auxiliar na educação infantil da rede privada na zona oeste do Rio de Janeiro) esse recurso didático com as crianças e questionar o porquê desse material para essa faixa etária, pois tomando por referência as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil (DCNEI, 2009), que não apontam o livro didático para essa faixa etária, apontando em outra direção, fazendo transparecer a ideia do lúdico, o brincar como aspectos inerentes e fundamentais as culturas infantis, que está permeada de brincadeiras, fantasia e movimento.

Nessa direção, se torna importante apontar, como afirma Vigotski o uso do brinquedo para o desenvolvimento infantil:

A ação na esfera imaginativa, numa esfera imaginária, a criação de intenções voluntárias e a formação dos planos de vida real e motivações volitivas, tudo aparece no brinquedo, que se constitui, assim, no mais alto nível do desenvolvimento infantil. A criança desenvolve-se, essencialmente, através da atividade do brinquedo (VIGOTSKI, 1998, p. 117).

Segundo Corsino (2009, p. 06), ambientes que se abram à brincadeira que é o modo como às crianças dão sentido ao mundo, produzem história, criam cultura, experimentam e fazem arte.

Na contramão dessa história, vem crescendo significativamente o peso das editoras no mercado do livro didático para esse segmento, mesmo se tratando de uma etapa de escolarização que não tem por natureza, o uso desse suporte pedagógico, tão pouco a responsabilidade no desenvolvimento da leitura e escrita. De fato, para alguns pesquisadores, vivemos a consolidação da chamada pré-escola, antecipando quase todas as rotinas dos anos iniciais com as crianças pequenas. Esse é o caminho para a educação infantil?

A comercialização dos livros didáticos tem despertado afeição de grandes grupos internacionais do campo educacional, tendo como propósito o lucro diante esse comércio do material didático. Esse interesse acontece porque o governo federal é o maior comprador do mundo, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), tornando e ampliando a educação como mercadoria, não coincidindo com o contexto nacional do ensino e aprendizagem das futuras gerações de brasileiros.

Consiste em uma passagem de educação ligada a um nacionalismo econômico para uma educação compreendida em relação à economia nacional internalizada passando a controlar a educação, com os donos do capital.

Para que tenhamos uma clara noção desse impacto, atualmente são três programas nacionais do livro didático, representados pelo governo federal: O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD); Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) e Programa Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA).

Favorecendo, gratuitamente, as escolas das redes federal, estadual e municipal e as entidades parceiras do Programa Brasil Alfabetizado com obras didáticas de qualidade FNDE (MEC/INEP).

Em 2009, o Governo Federal aplicou R\$ 577,6 milhões na compra de livros didáticos para a educação básica e R\$ 112,8 milhões nas entregas para todo o país, por intermédio de pagamento a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT), somente para estudantes do 1º ao 5º.

Enfim, nas escolas públicas o livro didático é distribuído a todos os alunos da educação básica, através do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), excetuando a Educação Infantil embora componha a Educação Básica desde a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9.394 de 1996, ainda não está sendo atendida por este programa (ANDRADE; CÁREA, 2010, p. 3).

Como professora na rede privada de educação infantil, tenho o cotidiano como palco dessa experiência das crianças pequenas com o livro didático. Como isso foi sendo construído? O livro didático e sua história na educação brasileira precisam ser compreendidos para que possamos investigar o forte avanço na educação infantil.

Para melhor compreender essa situação através da minha experiência docente, o trabalho de pesquisa de monografia foi dividido em três capítulos explícitos abaixo.

No primeiro capítulo constitui o contexto atual da educação infantil no Brasil, buscando relatar um breve panorama do PNLD, pensando na instituição privada.

No segundo capítulo, mostra e analisa algumas editoras que permeiam nesse universo do LD, para as coleções destinadas à educação infantil.

No último capítulo, encerra com a minha experiência no cotidiano de trabalho, com o livro didático na educação infantil, relatando um pouco da escola e o seu contexto pedagógico.

Portanto, pretendemos através desta pesquisa, possibilitar caminhos de colaboração e conhecimentos, lançando novas perspectivas para profissionais da educação escolar ou demais leitores que tenham interesse sobre esse assunto do livro didático na educação infantil e o impacto na formação de nossas crianças.

## **Capítulo 1**

### **História e Políticas**

#### **1.1: A Educação Infantil no Brasil: O Contexto Atual**

De acordo com o livro “Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica”, de Maria Fernanda Rezende Nunes, Patrícia Corsino e Vital Didonet, publicado em 2011 pela UNESCO, afirma que é importante salientar a qualidade da oferta, ao trabalho pedagógico na qual, exige ações integradas e capazes de garantir espaços, equipamentos, brinquedos e materiais adequados, não deixando de levar em consideração a diversidade cultural, história de vida, região geográfica, classe social, etnia, sexo e as necessidades educacionais especiais.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996), no seu artigo 29º, atribui à educação infantil “o desenvolvimento integral da criança, até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

A educação infantil será ofertada em creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; pré-escolas para crianças de quatro a seis anos de idade (art.30).

Na educação infantil a avaliação se fará mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (art.31).

A criança é um sujeito social, histórico, produtor de cultura, ativo e criativo. É um ser único e integral que não se realiza bem sem o outro. Aprendem principalmente por meio de exploração, observação e descoberta.

Acredito que o contato com o outro é uma sobrevivência cultural, pois são passados os valores, idéias, crenças e afetos predominantes da cultura. “Isso se fará gradualmente por meio dos recursos intelectuais de que a criança dispõe a cada momento. Ela vai organizando todas as informações provenientes de seu meio e de seu organismo [...]” (WALLON, 1999, p.15).

É importante ressaltar que o educando é um ser ativo na construção do seu ensino aprendizagem, não sendo passivo ao que o professor ensina, não podendo ser conceituado como “tabula rasa”, onde é depositado o conhecimento sobre ele. Em um ambiente escolar, um mesmo conhecimento pode ser entendido em múltiplas formas e quando o educador possibilita o fluxo do diálogo, permite a autoria do alunado, a compreensão do conteúdo.

Fazendo uso dos esquemas mentais próprios a cada etapa de seu desenvolvimento psicológico, segundo Moretto e Mansur (2000), destaca o aspecto cognitivo em que a criança observa, intervém ,enfrentando desafios e executando atividades que desenvolvem seu pensamento.

Como sustenta Angotti,

Olhar a Educação infantil, enxergá-la em sua complexidade e sua singularidade significa buscar entendê-la em sua característica de formação de criança entre zero e aos seis anos de idade, constituindo espaço e tempos, procedimentos e instrumentos, atividades e jogos, experiências e vivências, em que o cuidar possa oferecer condições para que o educar possa acontecer e o educar possa prover condições de cuidado respeitando a criança em suas inúmeras linguagens e no seu vínculo estreito com a ludicidade (2006, p. 25).

No cerne da afirmação a criança pequena precisa de proteção, assistência e cuidado, é um ser histórico, cultural e social, agindo e interferindo no ambiente em que está inserida, levando em consideração as relações sociais que são inerentes no processo de desenvolvimento do ser humano.

Aspecto sócio afetivo, a importância de a criança construir uma autoimagem, valorizando nas possibilidades de ação, de socialização e interação com o grupo. Aspecto linguístico, a linguagem é instrumento de comunicação sendo assim, por serem seres humanos existe uma necessidade de se expressar, porém só faz sentido se forem entendidos por alguém, através das conversas, histórias, teatro, pintura, músicas e livros a criança, aumenta a sua capacidade de representação, tornando significativa no seu processo de construção da linguagem escrita e o aspecto psicomotor, por meio das atividades cotidianas consegue explorar o seu corpo e o espaço físico, como realizar um jogo, desenhar uma história. Contudo, é preciso estipular os objetivos e não ser vista como mera realização mecânica de um exercício motor.

É de suma importância fundamentar, que a criança em contato e exposta a linguagem, maior será seu repertório e isso justifica “Por volta do primeiro ano de vida, os circuitos no córtex auditivo, responsáveis pela transformação dos sons em palavras, estão conectados. Aos dois anos, quanto mais palavras à criança ouvir, mas rico será o seu vocabulário”(MORETTO; MONSUR, 2000, p.66).

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI), no artigo 3º é correto afirmar, o currículo da Educação Infantil é dado como conjunto de práticas que buscam fazer uma ligação entre os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científica, ambiental e tecnológico, promovendo o desenvolvimento integral de crianças de zero a cinco anos. E no artigo 4º, as propostas pedagógicas da Educação infantil deverão levar em consideração que a criança, centro do planejamento curricular é sujeito histórico e de direitos que nas relações, interações e praticas cotidianas que vivencia e constrói sua identidade pessoal e coletiva, fantasia, aprende, observa, experimenta ,brinca, constrói sentido sobre a natureza e sociedade, produz cultura.

É importante salientar que “O trabalho com a linguagem é fundamental na educação infantil, pois dele depende a formação do sujeito, a interação com outras pessoas, a orientação das ações das crianças, a construção de conhecimentos e o desenvolvimento do pensamento”(MARTINHO, 2007, p. 20).

Para Brandão e Selva (1999), o descaso de parte das pré-escolas brasileiras no que diz respeito ao espaço para a brincadeira, da autoestima, desenvolvimento da autonomia, expressão verbal e não verbal, da criatividade e tantos outros aspectos imprescindíveis para a formação do aluno. Há uma preocupação em deixar as crianças “sentadinhas e quietinhas” realizando atividades pouco atraentes.

O brincar é crucial do modo de expressão da infância, consegue se desenvolver explorar o mundo, organizar seu pensamento trabalhar suas emoções e se aprimorar da cultura. A brincadeira deve estar inserida no cotidiano da educação infantil, permitindo a criança aprender pelo brincar, criar e renovar as brincadeiras.

“Quando uma criança brinca, joga ou desenha, ela está desenvolvendo capacidade de representar, de simbolizar. É construindo suas representações que as crianças se apropriam da realidade” (FREIRE, 1983, p.25).

A brincadeira no processo educativo deve ser incluída nas suas experiências que compõem as aprendizagens das crianças nas diversas dimensões como: a linguagem oral e escrita, linguagem artísticas, questões relativas à natureza e sociedade, conhecimentos matemáticos, corpo e movimento e entre outros (DCNEI, 2010, p. 18).

O educador cuida e educa uma criança se baseando ao que é remetido nas Orientações Curriculares da Educação Infantil (2010), identificando necessidades, desejos, promover atividades significativas de aprendizagens e administrar pelo planejamento o uso de pedagógicos de diferentes recursos, materiais, brinquedos, jogos, aparelhos tecnológicos, espaço físico e horário. Reconhece que o aluno tem capacidade de atuar ativamente nos seus processos de desenvolvimento, aprendizagem e na avaliação de suas conquistas e é pela interação com os adultos, com pares e com o meio que elas aumentam suas experiências e desenvolvem globalmente.

Quando faz com que elas se sintam bem à vontade, tendo um olhar investigativo nos diversos contextos, ouvindo atentamente o que elas conversam entre si para conhecê-las melhor, respeitando sua bagagem cultural, valoriza que as aprendizagens infantis ocorrem a todo instante, não só quando é planejado, estipula metas realistas para cada uma, concebendo sua singularidade e momento de desenvolvimento infantil.

Dialogando com o educador Antunes (2011) podemos citar que as atividades ao ar livre a criança é conduzida a fazer diversas descobertas, com o corpo e seus movimentos e a conhecer os elementos da natureza e a vida.

Dialogando com o citado acima, as crianças pequenas de até dois anos, os (as) educadores (as) devem estar dispostas para desenvolver os diálogos, criar possibilidades de desenvolvimento da linguagem oral, incentivando a autonomia.

Enquanto tiverem envolvidas nos mesmos materiais e brinquedos, é importante mantê-los envolvidos acessíveis em sala. É essencial que na sala estejam expostos fotografias das crianças, desenhos produzidos por elas, fotografias de animais, plantas, pedras, chuva, sol, cartões que apresentam sequência para contação de história.

Para crianças de três e cinco anos de idade é interessante que nessa faixa etária participem das decisões sobre como decorar a sala, com exposições de trabalhos realizados por elas e registros de suas atividades. Falar e ouvi-las são sempre ponto de partida na Educação infantil.

As conversas com as crianças devem ser sempre estruturadas de maneira a recapitular o passado próximo e o presente para planejar o futuro esclarecendo sobre a ordem e consequências dos fatos (DCNEI, 2010, p.50).

## **1.2: O Livro Didático no Contexto Educacional**

É de suma importância refletir sobre os livros didáticos na educação infantil, a meu ver, apresentam problemas como uniformização do ensino, desprezando contextos sócio históricos em que situam os alunos, seu conhecimento prévio, sua história de vida. Desta maneira, o educador não deixa florescer os interesses de seus alunos, pois é necessário seguir a ordem do livro.

Acredito que seja necessário ter cuidado ao escolherem os livros didáticos, que as crianças vão utilizar por que não existe uma obra cultural ingênua, geralmente estão carregadas de visão do mundo do autor. Para não sermos induzidos na concepção de mundo dos outros e tão pouco manipulados é fundamental sermos críticos.

Em relação às copias presentes nos exercícios propostos dos livros didáticos as autoras Silvia, Bezera e Melo (2009) defendem que não possibilita a compreensão da língua, por que a criança apenas irá reproduzir a palavra escrita, não havendo uma reflexão sobre como ela foi escrita.

Com estudo de Emilio Ferreiro e Ana Taberosk (1979), acreditam que os materiais pedagógicos que priorizam a memorização de sílabas e frases soltas não têm como práticas de ensino a reflexão sobre o funcionamento de escrita alfabética, que pudessem pensar sobre as palavras com sequência de segmentos sonoros. É primordial respeitar as etapas do desenvolvimento dos alunados, utilizando os conhecimentos prévios, trabalhando com o material concreto e que o errar faz parte do ensino aprendizagem.

Analisar o professor e a sua autonomia, visto que segue os conteúdos que estão no livro didático que lhes digam o que hão de fazer. Tendo por referencia o texto de Miranda (2000), pode-se citar que o professor posicionando dessa maneira de apresentar o livro didático como referência em sala de aula, o mesmo não irá ter condições de ser investigador, pois, não vai ser capaz de formular hipóteses, analisar o contexto institucional e cultural ao qual pertence participar do desenvolvimento curricular e identificar problemas.

Em uma abordagem ao professor reflexivo que vai adquirir outra posição referente à suas atitudes, pois este vai reconstruir reflexivamente seus saberes e a sua prática. “Produz teorias válidas não só para se orientar, mas também para constituir uma ciência prática que se equipare à ciência produzida pelos acadêmicos” (MIRANDA, 2000, p. 135).

Contudo, os professores quando autônomos são bons professores, pois este:

“[...] traduz não apenas a intenção de distinguir a prática da técnica, mas também a de reivindicar, para a prática, a condição de práxis, isto é, de instância de articulação entre a ação do professor e os saberes produzidos a partir da reflexão sobre essa ação”(MIRANDA, 2000, p.134).

De acordo com a autora ANHORN (2004) que em seu texto dialoga com Chevallard, ao citar a transposição didática defende que a mesma atua, em diferentes segmentos como livro didático, salas de aula, propostas curriculares. O saber acadêmico para se tornar eficaz a ser ensinado em contextos escolares passa por uma série de reelaboração imposta pelos políticos e didáticos.

Para que um determinado saber possa ser ensinado, torna-se necessário estabelecer um distanciamento em relação aos demais saberes que lhe servem de referência, em especial ao saber acadêmico (ANHORN, 2004, p. 3).

É nessa ótica, que as reformas curriculares tendem a selecionar, os saberes produzidos nas esferas de produção, ou seja, com princípio de oferecer e legitimar o que pode ser dito e oferecido na forma de “saber a ensinar”. Tal saber aparece de transposição didática, quando se modifica de seu ambiente original para o espaço institucional de ensino. Contudo, nas modificações nas práticas dos docentes estariam ligados ao processo de transposição didática, onde determinaria novas definições do saber por ensinar.

Segundo a autora Batista (2011), que tem a concepção de que os professores devido a sua frágil formação acadêmica, tem como o livro didático uma verdade absoluta e praticamente não utiliza de outros elementos para enriquecer o aprendizado. Utilizando como principal o que deixa o ensino desgastante e sem criticidade para despertar a necessidade de aprender.

A literatura sobre o professor pesquisador, centra-se, portanto, na consideração da prática, que passa a ser meio, fundamento, origem e destinação dos saberes que suscita desde que esses possam ser orientados e apropriados pela ação reflexiva (MIRANDA, 2000, p.135).

É de extrema relevância que na Educação Infantil, os jogos e brincadeiras são muito importantes para o desenvolvimento das crianças “O corpo é o primeiro espaço que a criança conhece e reconhece que as explorações do espaço externo à própria pele são primeiramente feitas a partir do corpo”(BRUHNS, p.112, 2000).

O educando deve estar em contato com os diferentes materiais e brinquedos. Pois aprendem por meio de exploração, observação e descoberta, durante as brincadeiras.

### **1.3: Livro Didático: Trajetória na Educação Brasileira**

Em relação ao artigo “o livro didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo”, de 2007, no qual afirma que a utilização do livro didático tem por funcionalidade atuar como mediador na construção do conhecimento, sendo assim, o aprendiz não tem contato com outros materiais e fontes.

A autora Lajolo (1996), argumenta o seu crescimento significativo, no que diz respeito, a precária situação educacional, faz com ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina. Toma por relevância de que o aluno vai aprender através do livro didático é necessário que os significados com que o livro lida, sejam condizentes ao tipo de aprendizagem com que a escola se compromete. É fundamental afirmar, a interação entre o saber que traz do mundo (educando) e o saber trazido pelos livros que o conhecimento avança.

Nos devidos termos, Stray (1993, p. 77-78) define o livro didático como produto cultural no cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade.

Ao citar dos livros como única ferramenta do corpo docente em sua prática pedagógica e se torna o coadjuvante pela formação e informação do educador.

O Estado por intermédio do Ministério da Educação (MEC) afirma:

O ambiente da sala de aula, o número excessivo de alunos por turma, a quantidade de classes assumidas pelos professores e os controles administrativos assumidos no espaço escolar contribuem para a escolha de práticas educacionais que se adaptem à diversidade de situações enfrentadas pelos docentes. Geralmente, isso significa a adoção ou aceitação de um livro, um manual ou uma apostila, como únicos materiais didáticos utilizados para o ensino (Brasil, 1998b, p. 79).

A sua origem é derivada da cultura escolar, mesmo antes da invenção da imprensa no final do século XV (FREITAS; RODRIGUES, 2007, p. 2). Sabe-se que os estudantes europeus universitário criavam seus cadernos textos.

De acordo Soares (1996), no qual aponta que as condições sociais, culturais e econômicas brasileiras eram precárias para edição e impressão de livros até o início do século XX, por conseguinte os livros didáticos usados vinham da Europa principalmente França e Portugal, com muita propriedade destaca que a França desejava a entrada da cultura europeia, uma vez que a escola só servia a alunos social e economicamente privilegiados.

É relevante destacar que no início do século XX, a partir de 1930 com medidas nacionalizadoras unidas a expansão da rede de ensino e à criação da Faculdade de Filosofia contribuiu para o aparecimento de autores e editores de livros didáticos no Brasil. A partir dos anos 60, " cresce e diversifica-se extraordinariamente a produção de livros didáticos no Brasil" (SOARES, 1996, p. 57).

No que tange acima, é explicado esse crescimento pelo fato de que no passado os livros didáticos eram aproveitados por 40,50 anos nas salas de aulas, o número de edições de um mesmo livro diminuiu o uso não excede cinco, seis anos.

Esse fenômeno é explicado pela democratização do ensino que aumenta o número de alunos crescendo desta maneira o mercado do livro didático, impactando na produção de maior número de obras, agravando a competição entre autores e editores. A política do livro está inserida na política da cultura e social que determina em uma época, certa escolarização.

No início da década de 1960, houve necessidade de analisarem os conteúdos dos livros didáticos dando ênfase a denúncia do caráter ideológico dos textos.

O espaço escolar está associado intrinsecamente à construção do livro didático considerando que a escola é, fundamentalmente, uma instituição contraditória onde dominação e conflitos convivem no cotidiano de alunos e professores desde sua criação pelo Estado Nacional (BITTENCOURT, 2008, p. 16).

Segundo Correa (2000), o livro didático exerce controle dos conteúdos escolares a serem ensinados e sobre as práticas escolares. Está inserido na cultura da escola, pois faz parte de um dos aspectos do currículo.

E, sem dúvida, o livro didático é também um veículo portador de um sistema de valores, de uma ideologia, de uma cultura (BITTENCOURT, 2008, p. 14).

Sendo um dos instrumentos escolares para assegurar a aquisição dos saberes e competências julgadas indispensáveis à inserção das novas gerações na sociedade, isto é, aqueles saberes que ninguém é permitido ignorar (SOARES, 1996, p. 55).

#### **1.4: O PNLD e o Reflexo na Escola Privada**

Os livros didáticos tiveram início nas escolas brasileiras em 1929, tendo órgão específico o Instituto Nacional do Livro (INL), cujo intuito, a legitimação do livro didático nacional e auxiliar no aumento de sua produção.

Em 1938, entrou na pauta do governo, o livro didático, quando foi instituído por meio do Decreto Lei nº 1006, de 30/12/1938 a Comissão Nacional do livro didático, que estabelecia a primeira política de legislação para tratar da produção, do controle e da circulação dessas obras. Essa comissão possuía mais a função de controle político ideológico do que propriamente uma função didática (FREITAS; RODRIGUES, apud, FREITAG, 1989).

Consoante, no artigo 5º do decreto-lei nº 8460, de 26/12/1945, restringiu ao professor a escolha para utilização para com seus alunos, a legislação sobre as produções e importação.

Em 1966, foi feito um acordo entre o Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), que autorizou a criação da Comissão do Livro Didático e o Livro Técnico (COLTED). Essa comissão tinha como aproveitamento “ coordenar as ações referentes à produção, edição e distribuição do livro didático e pretendia distribuir gratuitamente 51 milhões de livros no período de três anos” (FREITAS; RODRIGUES, 2007, p. 3).

No cerne da afirmação, distintas críticas foram feitas por parte dos educadores brasileiros, por que o Ministério de Educação e o Sindicato Nacional de Editores de Livros eram responsáveis pela execução e ao USAID, órgãos técnicos, o controle.

Em 1970, o Ministério da Educação realiza o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com o gerenciamento dos recursos financeiros do Instituto Nacional do livro (INL) em treze de março.

Dando continuidade em 1971, com a abolição da COLTED e o fim do convenio MEC/USAID, o INL, passou a amplificar o Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental (PLIDEF).

No ano de 1971, com o término do INL, a Fundação Nacional do Material Escolar (FENAME), por meio do decreto nº 77.107, na data de 4/2/1976, assumiu o comprometimento com PLIDEF. O governo executou a compra dos livros com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e com o auxílio dos estados. Por conta, de insuficientes recursos para atender todos os alunados do ensino fundamental da rede pública, um número considerado de instituições municipais é excluído do programa.

Contudo, aconteceu uma insuficiência de recursos, na qual o estudante do ensino fundamental pública e a direção que foi tomada pelas autoridades excluírem uma boa parte das escolas municipais do programa.

Mais mudanças aconteceram em 1983, foi criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) substituindo FENAME e incorporou o PLIDEF.

Por meio do que foi explicitado, em 1985, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), prevaleceu ao PLIDEF com a edição do decreto nº 91542 de 19/8/1985, prepôs ao corpo docente a indicação do livro; a reutilização do livro por demais alunos em anos seguintes, extensão da oferta aos alunos de 1ª e 2ª série das escolas públicas e comunidade, extensão da participação financeira dos estados transmitindo o controle do processo para FAE e complementando ‘[...] cada aluno tem direito a um exemplar das disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história e geografia, que serão estudadas durante o ano letivo. Aos estudantes do primeiro ano é destinada também uma cartilha de alfabetização (FREITAS; RODRIGUES, 2007, p.4).

No período de 1992, a distribuição dos livros fica prejudicada pelas limitações orçamentária, conseqüentemente limitando o atendimento até a 4ª série do ensino fundamental.

No ano seguinte a resolução CD FNDE nº 6, vincula recursos para adquirir livros didáticos para fornecer aos alunos das redes públicas de ensino.

Em 1993/1994 são estipulados, critérios para avaliação dos livros didáticos MEC/FAE/UNESCO. Em 1995 aos poucos, retornam à universalização da distribuição do livro no ensino fundamental, inerentes as disciplinas de matemática, língua portuguesa, no ano posterior ciências.

O processo de avaliação pedagógica dos livros inscritos para o PNLD, sendo publicado o primeiro “Guia de Livros Didáticos” de 1ª a 4ª série foram avaliados pelo Ministério da Educação, para valia-los não podem apresentar erros conceituais, desatualização, preconceito de discriminação, sendo excluídos do Guia dos Livros Didáticos.

No ano de 1997, a responsabilidade pela política de execução do PNLD é transferida para o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), pois a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) foi extinta. O Ministério da Educação passa adquirir os livros didáticos de maneira continua os livros didáticos de alfabetização, língua

portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, história e geografia. Para todos os educandos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental público.

Em 2000, pela primeira vez, na história do programa os livros didáticos passam a serem entregues no ano anterior ao ano letivo de seu uso, os livros para 2001 foram entregues até trinta de dezembro.

Contudo, em 2009 obtiveram 114,8 milhões de livros didáticos para R\$36,6 milhões de alunos da educação básica pública, para o ano de 2010 foram R\$ 622,3 milhões. Em 2010, para o uso a partir de 2011º número progrediu de investimento passando uma escala de R\$893 milhões na aquisição e na distribuição de 120 mil livros para todo o ensino fundamental.

Segundo o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), o governo aplicou R\$ 1326,50 bilhões na compra, avaliação e distribuição de 160 milhões de livros didáticos. O governo é hoje o maior comprador de livros no país.

Nos devidos termos, Stray define o livro didático como produto cultural no Cruzamento da cultura, da pedagogia, da produção editorial e da sociedade (1993 p 77-78).

Em suma, diante de leituras, o Programa Nacional do Livro Didático não tem propostas ao uso do livro didático na educação infantil, somente para o ensino fundamental da rede pública.

A Reforma Curricular, pensando nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental no Brasil “[...] exige que os novos livros didáticos se correspondam com as atuais exigências de uma Educação no século XXI, no qual o conhecimento, os valores, as capacidades de resolver problemas, aprender a aprender, assim como a ‘alfabetização científica e tecnológicas’ são elementos essenciais.

## **Capítulo 2**

### **Livro Didático e as Editoras**

#### **2.1: Mercado Editorial Brasileiro: A influência dos Livros Didáticos**

Ao iniciar esse capítulo, apresentamos uma afirmativa de Cassiano (2005, p. 283), que evidencia a importância de pensar os livros didáticos na atualidade. Para o autor, presença das editoras nas escolas, justifica-se porque a venda do livro didático só se concretiza por meio da adoção que é feita, geralmente pelo professor.

Vale ressaltar, que os editores dos livros didáticos não defendem seu mercado, tendo em vista aos estudantes que fará uso, mas em função do professor, pois este é o que define o livro a ser comprado que usará em suas práticas escolares, o livro didático circula em função do ambiente escolar.

Em relação à comercialização do livro didático no Brasil é o gigantismo volume de vendas. De acordo com Saab (1999), a indústria dos didáticos representa, em média, 54% da indústria nacional; em 1998, dos 369 milhões de livros produzidos, 244 milhões referiram-se a livros didáticos, cujo segmento é o mais concentrado, ou seja, com o menor número de editoras, no qual nominamos: Ática, Scipione, FTD, Saraiva e Moderna (CASSIANO 2005, p. 287).

Segundo Cassiano (2005) dialoga com Halewell em 1985, a Companhia Editora Nacional predominava o setor de livros didáticos nos anos 40. Porém no ano de 1943 foi afetado quando seis de seus trabalhadores deixaram a empresa para abrir a sua editora, a Editora do Brasil.

Nesse período a Editora Saraiva, já estava a um tempo no mercado, contudo não manifestava no ramo dos didáticos.

A editora FTD é a mais antiga, a primeira publicação no Brasil foi em 1902, sobressaiu no mercado editorial com livros de matemática.

A Editora Ática foi fundada em 1965. Os mesmos donos da Editora Ática e a Editora Scipione são constituídos por duas empresas independentes, instalações e administrações separadas apesar de serem da mesma família.

Nesta época, o catálogo desta editora contava com cinco títulos, tendo um volume de vendas de aproximadamente 100.000 exemplares por ano, em 1984, com o lançamento das primeiras coleções voltadas para o ensino de 1ª a 4ª série, alcançou a marca de dois milhões de exemplares no mercado governamental (CASSIANO, 2005, p. 295).

No período da ditadura militar, o Estado passa assumir a produção de livros didáticos. Em 1961, o Banco do Brasil pelo Decreto-Federal nº 56.489 financia a produção do livro didático.

A editora moderna foi fundada em 1968 e a editora Atual foi constituída em 1973 sendo esta comprada pela Editora Saraiva nos anos de 1990. E as que mais faturaram no final da década foram Ática, Scipione, FTD, Saraiva, Moderna, Record, Cia das Letras, Siciliano, Rocco, Nova Fronteira. Fica evidenciada a força da indústria de didáticos não somente na área educacional, mas na própria indústria de livros em geral (SAAB, 1999).

Não existe produção cultural livre e inédita que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e não esteja submetida à vigilância ou censura de quem tem poder sobre as palavras e as coisas (CHARTIER, 2004, p. 16-17).

É certo que a representação pública das editoras compõe-se, entre outros espaços, pelas práticas de divulgação que lançam mão. Estas se apresentam por um mundo próprio de impressos, práticas e intenções e como um espaço possível para a problematização dos ideários e imaginários em circulação e em concorrência por legitimidade numa época (TOZZI, 2011, p. 44).

## **2.2: As Editoras que atuam no Brasil**

O Grupo Santillana, surgiu na Espanha em 1960, começando seus negócios no Brasil em 2001, ao adquirir, a Editora Moderna e Salamandra. Trabalha em vinte e dois países, entre eles, Portugal, Reino Unido, Estados Unidos. Esse grupo é o braço editorial do grupo Prisma, principal empresa de comunicação em língua espanhola, está inserida em cinco áreas de negócio: edição, educação e formação, jornalismo, rádio e audiovisual.

O Grupo Abril detém o controle das editoras Ática e Scipione, que são líderes do mercado de ensino brasileiro, obtidas em 1998, em sociedade com o grupo Francês Vivendi Universal Publishing, é líder no segmento editorial de livros escolares.

A abril educação, que integra o grupo abril, comprou o Sistema Anglo de Ensino e Vestibulares, que estão presentes em vinte e quatro municípios, servindo a trinta e oito mil alunos da rede pública. E se transformou a segunda maior empresa do setor do País, atrás somente do grupo positivo. A abril educação tem o sistema apostilado empregado em 350 escolas da rede privada.

Colocou em 2011, mais de cinquenta milhões de livros didáticos em circulação, alcançando 60% dos estudantes brasileiros. A família Civita, fundadora do grupo abril, tem comprometimento com setor de educação desde 1960, quando elaborou o primeiro material didático no Movimento Brasileiro de Alfabetização de Jovens e Adultos.

É relevante destacar que o encerrou o segundo trimestre de 2013 com receita líquida de R\$ 164,7 milhões, 61% maior do que no ano de 2012.

A atuação do grupo Marista, no segmento editorial vem desde 1987 no Brasil, fazendo parte a editora FTD que veio solidificar o trabalho que os maristas já executavam no país, estimulou a produzirem livros escolares para demais disciplinas, que recebeu o título de coleção de livros didáticos FTD.

É líder de venda de livros didáticos para o Governo e no mercado de escolas particulares.

É sócia controladora de duas editoras: Quinteto Editorial e Empresa Brasileira de Sistemas de Ensino.

A FTD é um dos muitos negócios administradores pela Província Marista do Brasil Centro-Sul (PMBCS) que inclui os estados de Goiás, São Paulo, Mato Grosso do Sul, Paraná e Santa Catarina e o Distrito Federal. Atualmente, compreende uma estrutura da

seguinte forma, a matriz, o editorial, o parque gráfico, nove filias, catorze distribuidores e dezenove casas de atendimento ao professor.

De acordo com o MEC, 75% das vendas de livros didáticos ao governo são fornecidos pela editora moderna, FTD, Ática e Saraiva.

A Editora Positivo, conta com um Centro de Pesquisas, cujos profissionais elaboram e desenvolvem livros escolares que oferecem coleções didáticas, livros paradidáticos e literatura infanto juvenil. Publica dicionário Aurélio da língua portuguesa no Brasil e América Latina.

O sistema positivo de ensino é usado por 2.100 instituições de ensino, distribuídas pelo Brasil e no Japão atinge 530 mil alunos e 53 mil professores. Contempla desde a Educação Infantil até os cursos preparatórios para ingresso no Ensino Superior.

Conta com livros didáticos integrados abrange disciplinas integradas em uma mesma linha pedagógica, com programação anual dos conteúdos para todos os segmentos escolares. Há orientações metodológicas disponibilizadas no livro do professor, sobre os procedimentos na realização das atividades propostas.

Editora do Brasil, foi fundada em 1940, tem parceria com a Fundação Getúlio Vargas, Editora Globo, Macmillan.

Tem como missão ser a editora de melhor conteúdo e maior presença na educação, com valores, éticos, envolvimento, reconhecimento por mérito.

Os livros didáticos são elaborados para Educação Infantil até o Ensino Médio e fazem parte também, os de literatura infanto juvenil.

É umas das dez finalistas em duas categorias da primeira etapa do 55º Prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do país.

A editora Leya Educação surgiu em 2008, faz parte do mercado editorial português, angolano e moçambicano.

Tem Programa Educacional que proporciona formação profissional continua para os professores, consultoria para o desenvolvimento e adequação do currículo, planejamento escolar, grade curricular e projeto pedagógico.

A editora Edipro, desde 1977, acredita que o livro é essencial ferramenta no desenvolvimento pessoal e profissional do ser humano.

Contém em seu catálogo, livro de filosofia, legislação, jurídico, concursos, livro didático (caminho suave).

A Editora IBEP Nacional é brasileira, fundada em 1965 no centro de São Paulo. Desde que foi fundada participa de programas educacionais do governo para o funcionamento de livros didáticos.

Em 1980, adquiriu a Companhia Editora Nacional, formando um dos maiores grupos editoriais do país, com capital 100% brasileiro.

Em 1994, a editora ganhou a concorrência com a FAE (Fundação de Assistência do Estudante), para distribuição de onze e meio milhões de livros didáticos para seis milhões de crianças.

Tem filial em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Paraná.

### As Editoras que oferecem Livros Didáticos para a Educação Infantil

Editora Moderna	<a href="http://www.moderna.com.br">http://www.moderna.com.br</a>
Editora Ática	<a href="http://www.atica.com.br/">www.atica.com.br/</a>
Editora Scipione	<a href="http://www.scipione.com.br">www.scipione.com.br</a>
Editora FTD	<a href="http://www.ftd.com.br/">www.ftd.com.br/</a>
Editora Positivo	<a href="http://www.editorapositivo.com.br/">http://www.editorapositivo.com.br/</a>
Editora do Brasil	<a href="http://www.editorado brasil.com.br">www.editorado brasil.com.br</a>
Editora Leya Brasil	<a href="http://www.leya.com.br">www.leya.com.br</a>
Editora Edipro	<a href="http://www.edipro.com.br/">www.edipro.com.br/</a>
Editora IBEP	<a href="http://www.editoraibep.com.br">www.editoraibep.com.br</a>

### Coleções para a Educação Infantil

Editora Moderna.	Buriti Mirim
Editora Ática.	Circo das Letras, Cirquinho Maternal, Circo da Convivência- O Mundo Natural e Social.
Editora Scipione.	Marcha Criança
Editora FTD.	Lápis na Mão Integrado; Estação Criança Maternal Integrado; Pessoinhas Linguagem Oral e Escrita; Vai começar a Brincadeira Maternal.
Editora Positivo.	Coleção Mais Cores; Projeto Eco Mirim; Portal do Saber; Aprende Brasil.
Editora do Brasil.	Tic Tac – É tempo de aprender integrado; Brincando com Maternal; Ideias em Contexto; As Letrinhas Fazem A Festa; Material de Apoio Língua Portuguesa e Matemática; Vamos Trabalhar; Recontando nossas Brincadeiras.
Editora Leya Brasil.	Aprender com Alegria.
Editora Edipro.	Caminho Suave.
Editora IBEP Nacional.	Eu Gosto Mais, Gente Feliz Maternal, Brincando de Escrever.

Fonte: Pesquisa no Site das Editoras. Acesso em 15/09/2013 – Por Andressa Ribeiro

### Capítulo 3

#### A Experiência com o Livro Didático no Rio de Janeiro

### **3.1: A Trajetória de uma Estudante de Pedagogia e a Relação com a Pesquisa**

Ao Ingressar na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no segundo semestre de 2009, pude ter oportunidade em 2010 ser bolsista da FAPERJ com o projeto TV Fundamental: Produção de Vídeos Educativos para o Ensino Fundamental, que teve duração de um ano.

Em 2011, realizei um estágio em uma instituição particular localizada na zona norte do Rio de Janeiro, no segmento da educação infantil, com crianças de 4-5 anos, onde foi minha primeira vivencia na docência com crianças pequenas, podendo participar ativamente de toda rotina com a turma, elaboração de materiais pedagógicos, realização de atividades, projetos pedagógicos, entre outras coisas.

Nessa instituição escolar, não é utilizado como recurso pedagógico, o livro didático, são trabalhados com temas geradores partindo do interesse do que os alunos apresentam durante as aulas, a partir daí são trabalhados os conteúdos dessa faixa etária.

Em 2012, realizando estágio já em outra instituição particular na zona oeste do Rio de Janeiro, com mesmo segmento e faixa etária, onde exercia a mesma função, também tinha como projetos bem parecidos, não usavam o livro didático, o interesse partia da criança.

No meio do ano, fui para outra escola, também na zona oeste, onde trabalho atualmente, com uma turma agrupada de maternal I e II com idades de dois a quatro anos de idade e no ano seguinte foi adotado livros didáticos, com sistema UNO de ensino, cada professor ganhou um Ipad contendo todos os conteúdos apresentados nesse material didático, para esse nível de escolarização, a partir de três anos de idade. Enquanto tem esse grupo com o livro didático, o maternal I faz outras atividades.

Nos estágios supervisionados pela da licenciatura em pedagogia, foi possível conhecer os campos que o pedagogo pode atuar, conhecendo a instituição Fiocruz, onde realizei o estágio supervisionado em educação infantil e gestão educacional. O estágio de jovens e adultos foi possível realizar em uma igreja, que apresenta um projeto social bastante interessante.

A formação docente oferecida pela UNIRIO proporcionou vivenciar várias situações da área do pedagogo, na qual, consegui definir que eu quero permanecer com a educação infantil.

### **3.2: A Escola e o Contexto Social**

É uma escola privada com ensino bilíngue, no qual está localizada na zona oeste do Rio de Janeiro, tendo em outras unidades pela cidade. No discurso oficial, o colégio tem por filosofia, propiciar ao individuo oportunidades de exercitar a reflexão e a criatividade através do desenvolvimento: da afetividade - pela formação da autoimagem positiva, pela descoberta do outro; da socialização – pelo respeito aos valores de grupo, pela consciência da responsabilidade; da inteligência- pela exploração (vivência), pelo questionamento, pela compreensão e pela resolução dos problemas.

A instituição de ensino acredita em uma metodologia contextualizada, porque privilegia focar o mundo no seu todo e com uma visão holística; interdisciplinar quando permite a articulação das contribuições os diversos campos do conhecimento e interativa, valorizando a construção do conhecimento a partir da interação com diferentes sujeitos e situações.

A linha pedagógica consiste em cognitivista com ênfase no sócio-interacionismo, fundamentada em Piaget, Freinet e Vigotski.

Tem por missão buscar a excelência de ensino, informando, formando e transformando o indivíduo para o exercício pleno da cidadania. Em assim sendo, uma diretriz para formar o educando por meio de ações pedagógicas que promovam o desenvolvimento de competências e habilidades requeridas na formação do cidadão e na sua preparação para o trabalho, levando-se em consideração princípios de ética, responsabilidade social e empreendedorismo. As crenças e valores, respeito ao indivíduo, ambiente alegre e afetivo, criatividade, atualização e melhoria contínua. Sua visão é ser reconhecida como referência na Educação do Brasil.

Importante destacar que é uma escola que atende a educação infantil, com horário integral e parcial, de acordo com o interessa das famílias.

Foi adotado para o ano de 2013, o livro didático como material pedagógico, juntamente com o UNO Internacional, em parceria com a Apple (Empresa Multinacional), sendo destinado à educação infantil até o ensino fundamental I e II.

São realizados durante o ano letivo, projeto: oficina do empreendedor, que se inicia desde o mês de agosto, tendo como principal objetivo o desenvolvimento, a vivência e a aplicabilidade das habilidades e competências empreendedoras, que estas são, iniciativa, determinação, comunicação, autonomia, negociação, espírito de equipe, comprometimento, adaptabilidade, liderança e criatividade.

O projeto tem sua culminância no mês de novembro com a realização da ‘Feira do Empreendedor’, quando os alunos comercializam os produtos que foram desenvolvidos pelas ‘empresas’. Os produtos criados pelas turmas são conhecidos através dos murais expostos nos corredores e salas de aula, quem faz a escolha do produto é a professora, e o lucro é revertido para os alunos. Tendo um patrocinador que é algum responsável de alguma criança da turma que se prontifica em emprestar o dinheiro para a compra dos materiais, é devolvido no final do final da feira.

Para complementar esse projeto, a escola convida via agenda, os responsáveis que quiserem realizar uma palestra para a turma sobre sua empresa/atividade profissional, relatando suas histórias e experiências para assim tornarem mais concreta a visão sobre o sujeito empreendedor, para inspirar as crianças para futuras e desejadas atitudes de ousadia, invenção e transformação.

Outra proposta é o SIPEI (Semana de Informação Profissional da Educação Infantil) tem como intenção a contextualização do mundo do trabalho através de uma visão empreendedora, cujos pais de alunos podem participar desse evento falando de suas profissões.

Vale ressaltar, que o livro didático foi implementado a partir do maternal II, com faixa etária de três anos de idade. Todas as professoras regentes têm como recurso o IPAD, contendo conteúdo e músicas que vão ser trabalhadas no livro didático.

Na turma em que atuo como professora auxiliar o quantitativo gira em torno de vinte e uma crianças, com idades variadas, de dois a quatro anos de idade, que abrange o maternal I com nove alunos e maternal II com doze alunos. Tendo duas inclusões na sala de aula, com mediadoras. Por ser uma turma mista, quando tem o momento da realização do livro didático, o maternal I faz outra atividade geralmente na mesma sala de aula, recorte e colagem, desenho, massinha ou vai ao parque, com uma pessoa orientando. São oferecidas as crianças o Ipad com jogos educativos, pra cada uma durante trinta minutos.

É necessário que ambiente escolar seja aconchegante, desafiadores, alegres, cujas atividades valorizem as suas experiências, ampliem seu universo cultural, estimulando a curiosidade, a capacidade de pensar, de criar, imaginar, de expressar, suas formas de ver, sentir e conhecer o mundo.

No que concerne a uma proposta educativa para crianças pequenas é que tenha como eixos norteadores o processo de construção do conhecimento, de comunicação, de trocas e experiências de cultura, com espaço para o lúdico, o afetivo e artístico e considerar a linguagem que perpassam todas as instancias. A linguagem como eixo central nas interações sociais, no desenvolvimento, aprendizagem e construção do conhecimento. Está acoplada a imaginação, ao dialogo, a expressão de saberes e valores.

O trabalho direto com as crianças pequenas exige que o educador tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao educador cabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda por sua vez, uma formação bastante ampla e profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve. São instrumentos para a reflexão sobre a prática direta com as crianças a observação, o registro, o planejamento e a avaliação (BRASIL, 1998, p. 41).

### **3.3: Relatos sobre o trabalho com o Livro Didático na Educação Infantil**

Como foi descrito anteriormente, a turma na qual trabalho como professora auxiliar utiliza nas atividades o livro didático, onde atuo junto com a professora regente nessa prática pedagógica.

O material usado “oferece” suporte ao corpo docente para trabalhar com os conteúdos daquela faixa etária, como aponta no livro didático que está sendo examinado, onde apresentam os eixos de aprendizagem que são decorrentes das atividades propostas destaca-se o desenvolvimento pessoal e social, linguagem e comunicação, corpo e movimento, expressão e apreciação artística, exploração e conhecimento do mundo, relações matemáticas. É relevante mencionar que em cada página da atividade, tem uma explicação para orientar o professor como proceder.

No sumário é apresentada a unidade um Quem sou eu? Que um dos exercícios abrangentes é, brincando com nomes, pedir para família escrever o nome da criança, a professora fez uma adaptação, onde colocou o nome digitalizado de cada um no espaço solicitado. Outra atividade quantos anos você tem? No primeiro momento indica que as crianças falem suas idades e se já conhecem dos seus colegas e depois pedem para observar as velas do bolo e circular aquele que tem a quantidade de velas correspondente à sua idade. Logo em seguida, tem como assunto minha família, indica que converse com os alunos perguntando como é a sua família, com quem mora e com quantas pessoas, pedindo para marcar com X a família que mais parece com a sua nas imagens apresentadas.

Oura atividade é o que eu faço durante o dia, tendo quatro imagens, uma lendo, a outra dormindo, indo para escola e almoçando, a criança terá que marcar um X em um quadrado pequeno, o que ela faz. Tem atividade que deve ligar as pessoas aos seus lugares de trabalho, circular a lata que tem mais biscoitos, tem a parte da receita culinária que mostra os ingredientes e o preparo, essas atividades não são realizadas, porque não são fornecidos os ingredientes para as turmas.

Além dessas atividades, têm parlendas, músicas para recitarem, que fazem parte do repertório musical. Tem uma atividade de apreciação artística, para as crianças pequenas observarem o animal, onde ele vive como ele é que são feitas oralmente.



Maternal I - Bloco I - Sistema UNO – p. 6-7-9-20

E na unidade dois, Dia do Circo. É apresentado quebra-cabeça, completar a cena, destacando as peças da página no final do livro, conta a vida de um palhaço, o que ele faz, reconhecendo as expressões, observar os palhaços e contar quantos tem na imagem fazendo o registro. Apresentando os objetos que pertencem ao mágico e pedindo para circulá-los.



Maternal I - Bloco I - Sistema UNO – p. 20-32-33

Em algumas atividades, a professora faz adaptação, pois não condiz com a faixa etária das crianças. Como solicitar para fazerem X no quadrado pequeno, sendo que elas não têm ainda a coordenação motora para esse movimento, então elas pintam o espaço com o giz de cera.

O Ministério da Educação argumenta que as propostas educativas tenham como práticas pedagógicas “[...] um currículo sustentado nas relações, nas interações e em práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para aprendizagem da cultura, pelo convívio no espaço da vida coletiva e para a produção de narrativas, individuais e coletivas, através de diferentes linguagens” (BRASIL, MEC, 2009).

A professora organiza juntando as mesas para que todos fiquem pertos, costuma fazer duas páginas por dia no início da manhã, depois que faz a rodinha.

O que observo quando as crianças pequenas estão fazendo o livro didático, geralmente, não estão envolvidas nesse processo, anunciando que querem ir ao parque, brincar de massinha, ou com os brinquedos que ficam disponíveis na sala de aula.

Como o corpo docente, tem que cumprir as atividades dos livros, acaba não tendo tempo de fazerem uma pintura livre, brincarem de jogos pedagógicos. Há uma forte cultura no trabalho com a educação infantil, no sentido preparatório, com destaque nas habilidades exigidas para o desempenho escolar posterior, limitando a construção de uma identidade da educação infantil. Essa organização pode acelerar ou reduzir os tempos da infância, pois desconsidera as especificidades adequadas da faixa etária.

Os projetos de trabalho devem partir de questões do grupo e por isso estão diretamente ligados aos interesses das crianças. Eles possibilitam um contato com práticas sociais reais e permitem o estabelecimento de múltiplas relações, ampliando o conhecimento de professores e crianças sobre um assunto específico (CORSINO, 2009, p. 113).

Remete a pensar que está sendo uma etapa preparatória para leitura e escrita, preparar as crianças para o processo escolar, propriamente dito da alfabetização, que é inerente ao ensino fundamental.

Seria um equívoco engessá-la nos moldes do ensino fundamental, que lhe sucede, em uma perspectiva preparatória, propedêutica [...]. Ainda não é o momento de sistematizar o mundo para apresentá-lo à criança: trata-se de vivê-lo, de proporcionar-lhe experiências ricas e diversificadas (KUHLMAN JR, 2005, p.57).

### **Considerações Finais**

Nesta pesquisa, procurou-se compreender de modo mais amplo, a contribuição ou não do livro didático para as crianças pequenas, especificamente na educação infantil, na área em que trabalho como professora auxiliar.

Tendo em vista, analisar e acompanhar questões inerentes a essa etapa de escolarização básica. Ao longo desta pesquisa constatou-se que está ampliando o espaço das editoras interessadas nesse mercado do livro didático, mesmo não tendo por natureza esse apoio pedagógico.

Entre as editoras que permeiam esse universo podemos destacar: Ática, Scipione, FTD, Moderna, Positivo, Leya Brasil, Edipro, IBEP e Editora Brasil, essa última tem concretizado parcerias com grupos internacionais. Aliás, a maioria das editoras de livros didáticos no país foi adquirida por grupos internacionais nos últimos anos, de olho na grande possibilidade de comercialização dos livros com o governo federal, através do PNLD.

Nesse contexto é interessante perceber a precária situação educacional para a formação desses alunos, pressionados por situações de cultura de mercado, através (principalmente) dos livros didáticos, já que muitas vezes funciona como único instrumento de trabalho do professor, determinando que conteúdos sejam ensinados, em que momento, antes ou depois de outro conceito, condicionando estratégias de ensino, o que se ensina e como se ensina, muitas vezes descontextualizados para o educando, tendo que ficar em clausulados na sala de aula, sentadinhos fazendo exercícios prontos, de pontilhar números e letras, marcar x na imagem, ligar uma figura na outra, com desenhos já feitos, só para pintar por cima e responder as questões conforme como se espera, caso ao contrário, sendo rotulados como aquele que não presta atenção, o desatento. São exercícios repetitivos e monótonos, sem atribuir significado para a formação do ser humano. Tudo isso ainda na educação infantil, lugar que deveria priorizar a brincadeira no devaneio.

Outro ponto é o brincar nessa faixa etária, que está indicado nas diretrizes curriculares nacionais para educação infantil, norteadas nas propostas pedagógicas de

orientação do próprio Ministério da Educação (MEC) e como apontam alguns autores que defendem que as crianças devem ser o centro do planejamento curricular, que é um sujeito que constrói sua identidade pessoal e coletiva, sendo singular na trajetória de mundo.

Para Corsino (2013, p. 168), é fundamental que as práticas pedagógicas possibilitem a escuta, as expressões por meio de várias linguagens, a narração de histórias, o registro e a memória do grupo, a interlocução com diferentes gêneros discursivos em situações reais e significativas, a abertura de espaços discursivos capazes de favorecer ações e reflexões com a própria linguagem, a leitura e a escrita como experiência e formação, a apreciação estética de diferentes produções artístico-culturais, a brincadeira e suas possibilidades de interação, aprendizagem e transformação.

Nesse sentido, o uso do livro didático com as crianças pequenas deve ser discutido de forma coletiva, evitando o uso como na situação exemplificada na pesquisa, fugindo do real papel dessa ferramenta, que pode ser útil no processo de formação, desde que pensada e organizada respeitando o direito das crianças de experimentar o mundo pela brincadeira, de forma espontânea, com os espaços da natureza e na troca com o outro.

Devemos usar o livro literário como forma de vivência, gradativamente e integrado com a família, conhecendo o verdadeiro valor do contato com a nossa cultura. Priorizar a leitura de mundo de outra maneira, através do olhar, dos gestos, entre outros, priorizando uma relação harmônica de novos significados a partir da própria experiência humana.

É através das brincadeiras que se torna possível desenvolver a imaginação, fantasiar o mundo, observar, estimular a memória, desenvolver a linguagem, elaborar conflitos e ansiedades, explorar diferentes habilidades e resolver problemas e contribuí para o educador trabalhar com as áreas de conhecimento daquela faixa etária. Podendo fazer uma ligação entre os saberes trazidos pelas crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, científico, ambiental e tecnológico, promovendo, sobretudo, o desenvolvimento integral da criança na qual estamos trabalhando.

Finalizo esse trabalho de conclusão de curso tendo como anseio ter colaborado nos estudos na área da educação infantil, pensando numa pedagogia que privilegia o que a criança pequena traz consigo, suas vontades, interesses, curiosidades e suas próprias conquistas, deixando o trabalho com o livro didático para outro momento de formação das nossas crianças, lá nos anos iniciais do ensino fundamental.

## Referências Bibliográficas

- ANDRADE, N.L.; CÁRIA, N.P.** Material didático sob a lógica do mercado: Uma questão de política educacional. Campinas: São Paulo, 2010.
- ANGOTTI, M.** (org.). Educação Infantil: para quê, para quem e por que. Campinas: Alínea, 2008.
- ANHORN, C. T. G.** Nas tramas da didatização de uma disciplina escolar: entre histórias a ensinar e histórias ensinadas. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004.
- ANTUNES, C.** Educação Infantil: propriedade imprescindível. Petrópolis - RJ: Vozes, 2011.
- ARCE, A.; MARTINS, L. M.** (Orgs.) Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Campinas: Alínea, 2010.
- ALVES, N.; GARCIA, R. L.** (Orgs.) O Sentido da Escola. Petrópolis: DP et Alii, 2008.
- BATISTA, A. P.** Uma análise da relação professor e o livro didático. Salvador. 2011.
- BITTENCOURT, C.** Livro didático e saber escolar (1810-1910). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- BRANDÃO, A.C.; SELVA, A.C.V.** O livro didático na educação infantil: reflexão versus repetição na resolução de problemas matemáticos. Educação e Pesquisa, São Paulo, V.25, n. 2, jul/dez. 1999.
- BRASIL.** Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/DPEF/COEDI, 1998<sup>a</sup>.
- BRASIL.** Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil. Práticas Cotidianas na Educação Infantil: Bases para a Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Brasília: MEC/UFRGS, 2009.
- BRASIL.** Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.
- BRASIL.** Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol. 2 Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL.** Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Legislação. Brasília: Casa Civil da Presidência da República, 1996. Disponível em [Http://www.planalto.gov.br/CCIVIL-03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL-03/Leis/L9394.htm).
- BRASIL.** Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Ministério da Educação, 1996.
- BRUHNS, H. T.** O corpo contemporâneo. In: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. (Orgs.). O corpo e o lúdico. Anais do I Ciclo de Debates Lazer e Motricidade. São Paulo: Campinas, 2000.
- CASSIANO, C. C. F.** Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais. Revista em Questão, Porto Alegre, v.11, n.2, jul/dez, 2005.
- CHARTIER, R.** Leituras e Leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

- CORRÊA, R. L. T.** O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Caderno Cedes, ano XX, n. 52, novembro, 2000.
- CORSINO, P** (org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas: Autores Associados, 2009. (coleção educação contemporânea).
- CORSINO, P.** Infância e Linguagem na Obra de Bartolomeu Campos de Queirós: Questões para a Educação Infantil. In: KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CARVALHO, M. C. (Orgs.) Educação Infantil: Formação e Responsabilidade. Campinas: Papirus, 2013.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A.** Psicogênese da Língua Escrita, Rio de Janeiro: Artmed, 1979.
- FREIRE, M.** A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREITAS, N. K.; RODRIGUES, M. H.** O livro didático ao longo do tempo: A forma do conteúdo. Santa Catarina, 2007.
- KRAMER, S.; NUNES, M. F. R.; CARVALHO, M. C.** (Orgs.) Educação Infantil: Formação e Responsabilidade. Campinas: Papirus, 2013.
- KUHLMAN J. M.** Educação Infantil e Currículo. In: FARIA, A. L.; PALHARES, M.S. (Orgs). Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios. Campinas: Autores Associados, 2005.
- LAJOLO, M.** Livro didático: um (quase) manual de usuário. Em Aberto, Brasília, n. 69, v. 16, jan./mar. 1996.
- LINS, H. A. M.; DINIZ, N. L. B.** Repensar o Currículo na Educação Infantil: Implicações sobre o Brincar e a Língua(gem). Campinas: Silvamartin, 2012.
- MANSUR, O. M. F. C.; MORETTO, R.** Aprendendo a ensinar. São Paulo: Editora Elevação, 2000.
- MARINHO, B. F. C. S.** O livro e a criança pequena: contando histórias na educação infantil (0 a 3 anos). Campinas: São Paulo, 2007.
- MIRANDA, M. G.** O professor pesquisador e sua pretensão de resolver a relação entre teoria e a prática na formação de professores. In: ANDRÉ, M. (Org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. Campinas: Papirus, 2001. ( Série Pedagógica).
- NUNES, M. F. R; CORSINO, P; DIDONET, V.** Educação Infantil no Brasil: primeira etapa da educação básica. Brasília: UNESCO, Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, Fundação Orsa, 2011.
- PEREIRA, R. M. R.; MACEDO, N. M. R.** (Orgs.) Infância em Pesquisa. Rio de Janeiro: NAU, 2012.
- SAAB, W. G. L.; GIMENEZ, L. C. P. R.; MARTINS, R.** Cadeia de comercialização de livros. Gerência Setorial de Comércio e serviços do BNDS, 1999.
- SOARES, M.B.** Um olhar sobre o livro didático. Presença Pedagógica, v.2, nº.12, nov/dez. 1996.
- STRAY, C.** Quia Nominor Leo: Vers une sociologie historique du manuel. In: CHOPPIN, Alain (org.) Histoire de l'éducation. nº 58 (numéro spécial). Manuels scolaires, États et sociétés. XIXe-XXe siècles, Ed. INRP, 1993. Disponível

em:<[http://www.inrp.fr/publications/catalogue/web/Notice.php?not\\_id=RH+058&numero=203](http://www.inrp.fr/publications/catalogue/web/Notice.php?not_id=RH+058&numero=203)>.

**TOZZI, J. B.** Livro infantil no Brasil (2007-2008): marcas em circulação, catálogo de divulgação e infâncias anunciadas. Campinas: [s.n.], 2011.

**VYGOTSKI, L.S.** A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Psicologia e Pedagogia).

**WALLON, H.** A Evolução Psicológica da Criança. Lisboa, 1999.